

## MARIO FRAGA CHEGA NA PINTURA PELO CAMINHO DA SENSUALIDADE E RITMO.

Fui bastante duro ao comentar com Mário Fraga sua primeira individual, realizada na galeria Bonino, em 1979. Fraga começou a pintar muito cedo, menino ainda, sob orientação de Augusto Rodrigues, na Escolinha de Arte do Brasil. Para sua formação, contribuíram, ainda, José Paulo Moreira da Fonseca e o casal Yukio e Shoko Suzuki, ele pintor, ela ótima ceramista. Ao mesmo tempo, porém, à medida que os anos iam passando, Fraga formou-se em arquitetura, fez curso de urbanismo e de Cinema na França, entrou pelo território dos novos mídias – super-8, vídeo-teipe, audiovisuais, mail-art, etc.

Esta dispersão de interesses, motivando um diversificado painel de influências, das quais a mais visível era Magritte, foi um dos pontos que critiquei àquela época. Outro era o “recheio literário” de sua pintura. Ao final do comentário, elogiava dois quadros negros nos quais se via uma seringa que se colocava verticalmente no cosmos a uma pequena distância do planeta Terra.

Nestes sete anos que se passaram aquela exposição desta que o artista inaugurou segunda feira na Petite Galerie muita coisa aconteceu, inclusive uma nova exposição na Galeria Bonino em 1982, e várias outras em Paris, Lisboa e Londres. Assumindo plenamente a pintura, paralelamente ao ensino de arte na Faculdade de Arquitetura Santa Úrsula, Fraga sem dúvida alguma progrediu em seu ofício. A atual mostra da PG é um exemplo claro disso.

Revedo agora a reprodução daquele quadro negro, me veio a imagem da seringa se aproximando da crosta da Terra, perfurando-a. Este planeta que ele acaba de atingir é, na verdade a tela. Ou seja, o artista decidiu mergulhar na pintura e, desse encontro, emerge toda a sensualidade do ofício: o ritmo estudado das pinceladas, o jogo acariciante das texturas, as surpresas das cores, dos tons e também da luz. Mesmo o branco na tela, entre os espaços da cor e da figura, ganha significado. O artista trata a tela como uma espécie de pele, e através dela vai descobrindo o corpo da pintura. Apresentando sua última exposição no Rio, Luiz Otávio Pimentel fala em poros e cria um neologismo para definir o que estava sentindo, *vistáctil*. Estava implícito em seu comentário, inclusive quando fala também em “ampliações em micro” uma analogia entre cosmos e corpo, entre o vazio exterior, Via Láctea, e uma espécie de mergulho nesta poeira de poros. Macro e micro se revezando, o próximo e o distante, frio e calor.

Este lado cósmico e mesmo metafísico não desapareceu da pintura atual de Mário Fraga. Há qualquer coisa de abismal em seus novos quadros, passam sensações de quedas e desequilíbrios momentâneos. Faltam o chão, a linha do horizonte, tudo parece deslizar ou escorregar em túneis, curvas. Passa-se continuamente do espaço exterior ao espaço interior, pois, às vezes essas

curvas são nádegas, corpos que cortam a tela como bólidos e logo se perdem na cor, deixando um halo sensual, pura matéria pictórica. Ou são vísceras, nós, assim como o oco que se ilumina na grande tela negra remete ao tronco que se cola à superfície, verticalmente, quase desaparecendo como figura.

Tudo isso que a pintura atual de Fraga mostra tem origem nas sensações que ele recolheu numa viagem à Amazônia, em 1982. Ali, Fraga sentiu o solo da floresta se mover em seus micro organismos, teve a vertigem de quem contempla árvores gigantescas, absorveu calor e umidade, farejou o animal. Sensações que impregnaram seu corpo e que, hoje, informam esta quase taticidade de sua pintura.

Porém, os leitores não devem esperar nenhuma alusão direta à paisagem Amazônica, ainda que isso tenha preocupado o artista em sua viagem. O que sobra, afinal, é mesmo a pintura, uma experiência de forma, ou como ele mesmo diz: “ decomposições precisas e recomposições formais”. Enfim ele refaz, pictoricamente a experiência visceral da selva, O que une essas pinturas aparentemente dispersas de agora é uma experiência sensual da forma ou, no mínimo, do ato de pintar.

Frederico Morais